
A Carne mais Barata do Mercado Era a Carne Negra: Notas Históricas sobre uma Feminista Afrodiaspórica Insurgente¹

Antônio Carlos de SOUZA²
Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, SP

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é debater a atual crise do capitalismo estabelecendo uma reflexão sobre os problemas que atingi a nossa sociedade no contemporâneo. Mobilizamos conceitos que têm em perspectiva proposições políticas e econômicas que se inter-relacionam com a comunicação e o consumo. O *corpus* selecionado é composto pela biografia da Elza Soares escrita por Camargo (2018), matérias veiculadas na mídia impressa e *posts* na mídia social *Instagram*. Abrangendo o período de 1960 a 2020. Os procedimentos adotados foi a pesquisa bibliográfica e documental e entre os principais autores selecionados estão as economistas Mazzucato (2023) e Shafik (2021) e as feministas Dorlin (2021) e Federici (2022). Não chegamos a uma conclusão ou apresentamos resultados definitivos, mas, propomos ampliar as discussões e reflexões críticas relativas aos principais problemas que assolam nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Elza Soares; comunicação; consumo; feminismo negro; racismo.

*Há sempre um vazio que a gente não consegue preencher
e talvez seja essa mesma a razão da nossa existência.*

ELZA SOARES

INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste artigo é debater a atual crise do capitalismo e propor uma reflexão sobre os problemas que atingem a sociedade no contemporâneo: problemas climáticos, desigualdade, inclusão social, fome, deslocamentos demográficos, falta de recursos hídricos, entre outros desafios urgentes que colocam em risco a sobrevivência da nossa espécie e de recursos naturais do planeta Terra.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutorando e Mestre do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo (PPGCOM ESPM-SP), integrante do Grupo de Pesquisa BIOCON – “Comunicação, Discursos e Biopolíticas do Consumo”; Bolsista Prosup/Capes, e-mail: antonio.carlos@acad.espm.com.

Neste trabalho, nosso foco será sobre o racismo, o preconceito, a discriminação racial e desigualdades presentes na sociedade brasileira. Propomos refletir sobre um agir coletivo em favor da humanidade, o cuidado de si e dos outros, avaliar e discutir metas que contribuam para a construção de um modo de vida inclusivo que contemple a possibilidade de um reencantamento do mundo, produzindo resistência, com a possibilidade de (re)existência.

Nesse cenário, elaboramos a seguinte questão-problema: quais as demandas objetivas para as mulheres negras poderem gozar de reconhecimento social, com todas as suas dramáticas consequências existenciais e políticas, numa sociedade de tipo moderno/competitivo, sob a égide da política neoliberal no Brasil?

Nosso *corpus* é composto pela biografia da cantora Elza Soares escrita por Zeca Camargo em 2018; matérias veiculadas na mídia, abrangendo as décadas de 60 a 80; e posts extraídos da rede social *Instagram* até o ano de 2020. Os procedimentos adotados são as pesquisas bibliográfica e documental.

Na pesquisa documental, utilizamos a técnica “*walkthrough*” para pesquisas na internet, que se baseia num procedimento exploratório. Na pesquisa bibliográfica, o aporte teórico mobilizado foi construído a partir de autores que transitam pelas disciplinas de Economia, Comunicação e Consumo. Mobilizamos conceitos que têm em perspectiva proposições políticas e econômicas. Entre os principais autores para o nosso debate está as economistas Mazzucato (2023) e Shafik (2021), explorando as ideias de um viver em comum e o estabelecimento de um novo contrato social; e as autoras feministas Gonzalez (1982), Dorlin (2021) e Federici (2022), com as quais exploramos a base do feminismo negro, epistemologias feministas, e o conceito de reencantamento do mundo.

No primeiro tópico do nosso trabalho — (Aterrissando diretamente do planeta Fome) —, examinamos relatos bibliográficos para abordar temas como racismo, preconceito racial, insurgência, comunicação e consumo midiático. As narrativas estereotipadas atribuídas a Elza Soares como a da “mulata”, pobre, vítima de violência doméstica que enfrentou problemas com drogas e alcoolismo, e as frequentes inserções da sua imagem pessoal nas páginas policiais são, todas elas, reveladoras de um motivo opaco na sociedade brasileira — o racismo.

No segundo tópico — (A metamorfose de uma estrela) —, identificamos mudanças na narrativa de Elza Soares ocorridas no século XXI. A cantora passou a focar sua carreira em temas emergentes, debatidos por movimentos sociais e na preocupação

pelos direitos humanos universais, notadamente, pautas relacionadas aos marcadores sociais, raça, gênero, classe, sexo e idade.

Por fim, nas considerações finais, nosso artigo não apresenta uma conclusão ou resultados definitivos, mas, propõe discussões, reflexões e debates críticos relativos aos problemas que assolam nossa sociedade no contemporâneo, notadamente, a desigualdade, o racismo, o preconceito a discriminação racial, os problemas climáticos, na perspectiva da crise do capitalismo e das políticas neoliberais.

1 ATERRISSANDO DIRETO DO PLANETA FOME

Em 1953, aconteceu a primeira aparição pública de Elza Soares e o prenúncio da força que estava por vir. Aos 13 anos, Elza subiu ao palco do famoso *show* de calouros do programa de Ary Barroso “Calouros em Desfile”, na Rádio Tupi. Diante daquela menina de aspecto frágil, o apresentador questionou de onde ela vinha. Sua aparência revelava sua condição de origem pobre e carente de recursos financeiros. Conforme descrito por ela em sua biografia: “Eu estava mesmo muito malvestida, péssima na apresentação”, destaca Elza.

Eu saí pregando alfinetes naquela saia, improvisando com todos os que consegui pegar na casa de minha mãe. E o cabelo ficou como eu sempre o penteava quando queria parecer um pouco arrumada, aquele cabelão duro não tinha muito jeito, era fazer duas bolinhas e amarrar com um lacinho. (CAMARGO, 2018, p. 59).

Sua apresentação na Rádio Tupi aconteceu, conforme descreve a cantora no relato publicado no site www.vermelho.org em 20/01/2022:

Um dia descobri que cantava.
O meu filho mais velho João Carlos estava morrendo e eu já tinha perdido dois filhos e não queria perder mais um.
Eu não tinha dinheiro pra cuidar do meu filho e ouvi no rádio que o programa do Ary Barroso de calouros Nota 5, estava com o prêmio acumulado. Não sei como, mas eu sabia que ia buscar esse prêmio!
Fiz a inscrição e me avisaram que eu precisava ir bonita. Mas eu não tinha roupa nem sapatos, não tinha nada! Então, eu peguei uma roupa da minha mãe, que pesava 60 kg e vesti, só que eu pesava 32 kg, já viu né? Ajustei com alfinetes. Tudo bem que agora é moda né? Hoje até a Madonna usa, mas essa moda aí fui eu que comecei viu? Alfinetes na roupa é muito meu, é coisa de Elza!
No pé coloquei uma sandália que a gente chamava de “mamãe tô na merda”, e fui!
Quando me chamaram, levantei e entrei no palco do auditório. O auditório tava lotado, todo mundo começou a rir alto debochando de mim.

Seu Ary me chamou e perguntou:

– O que você veio fazer aqui?

– Eu vim Cantar!

– Me diz uma coisa, de que planeta você veio?

– Do mesmo planeta seu Ary.

– E qual é o meu planeta?

– Planeta fome!

Ali, todo mundo que estava rindo viu que a coisa era séria e sentaram bem quietinhos.

Cantei a música Lama.

O Gongo não soou e eu ganhei, levei o prêmio e meu filho está vivo até hoje, graças a Deus!

De lá pra cá, sempre levo comigo um Alfinete.

Naquela época eu achava que se tivesse alimentos pros meus filhos, não teria mais fome. O tempo passou e eu continuei com fome, fome de cultura, de dignidade, de educação, de igualdade e muito mais, percebo que a fome só muda de cara, mas não tem fim.

Há sempre um vazio que a gente não consegue preencher e talvez seja essa mesma a razão da nossa existência.³

Em sua primeira aparição pública, Elza Soares enfrentava um drama familiar que, nos dias de hoje, assola mais de 33 milhões de brasileiros: a fome. Elza participou de um programa de auditório na esperança de ser aprovada e ganhar algum dinheiro para comprar alimentos para seu filho adoecido. Além de ser bem-sucedida e conquistar a nota máxima (cinco), Elza ouviu de Ary Barroso ao final de sua apresentação o seguinte elogio descrito por Camargo (2018): “ainda no silêncio, enquanto algumas palmas eram ouvidas no auditório, o apresentador levantou-se solenemente, colocou o braço esquerdo no ombro de Elza e disse bem perto do microfone: ‘Senhoras e senhores, nasce uma estrela’”. Elza Soares, nascida em 23 de junho de 1930 no Rio de Janeiro, era filha de um operário e de uma lavadeira, respectivamente, Avelino Gomes e Rosária Maria da Conceição. Elza seria assolada por diversas aflições comuns produzidas por uma sociedade racista e patriarcal. Aos 13 anos de idade, sua família a obrigou a se casar com um homem chamado Lourdes Antônio Soares e, com apenas 14 anos, Elza teve seu primeiro filho. Alguns dias após o marido ser acometido de tuberculose, Elza teve que suportar a morte de seu primogênito. Logo depois, sobrou para ela, recém-saída da adolescência, trabalhar duro como faxineira, empacotadora e doméstica, entre outras ocupações, para sustentar a casa e comprar remédios para o marido. Além disso, com apenas 15 anos, já tinha perdido seu segundo filho. Seu marido, que, recuperado da enfermidade, a proibia de cantar e sair de casa, logo a deixaria viúva e com cinco filhos para criar. Nessa época, Elza contava

³ Fonte: <https://vermelho.org.br/prosa-poesia-arte/planeta-fome-por-elza-soares/>. Acesso: 16/5/2023

apenas 21 anos de vida. Aos 27, conheceu o jogador de futebol Garrincha, na época, o maior nome do futebol brasileiro, com quem começou a ter um relacionamento clandestinamente, porque ele era casado. Após se aposentar e abandonar os gramados, Garrincha tornou-se alcoólatra e passou a agredir Elza fisicamente. Apesar de nunca o ter denunciado, a cantora, por diversas vezes, foi vítima de preconceito racial e racismo, tendo, por conta das confusões, sua imagem publicada nas páginas policiais. Depressiva, Elza mudou-se do Brasil e ficou um tempo fora do país retornando muito depois, buscando superar os infortúnios.

Lélia Gonzalez, em seus trabalhos, foi incisiva sobre essa temática, a precarização da mão de obra da mulher negra e crítica a cisão que havia no movimento, separando as mulheres brancas e as negras: “analisamos também a situação da mulher negra enquanto empregada doméstica no quadro de reprodução do racismo (inclusive por parte de muitas militantes brancas do movimento de mulheres). (GONZALEZ, 1982, p. 63).

A narrativa acima é a descrição de uma mulher negra periférica que enfrentou o racismo, o preconceito e a discriminação racial, conforme propões a definição de Almeida⁴ (2019). Elza superou a invisibilidade e sua condição de “*habitus* precário⁵”, que mantém as desigualdades presentes na sociedade brasileira, produção do Estado e da elite brasileira. Para Souza,

a marginalização permanente de grupos sociais inteiros tem a ver com a disseminação efetiva de concepções morais e políticas, que passam a funcionar como ideias-força nessas sociedades. É a explicação que atribui a marginalidade desses grupos a resíduos a serem corrigidos por variáveis economicamente derivadas – dominantes, não só em Florestan, mas em todo o debate nacional teórico e prático acerca do

⁴ “Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. Embora haja relação entre os conceitos, o racismo difere do preconceito racial e da discriminação racial.

O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias. Considerar negros violentos e inconfiáveis, judeus avarentos ou orientais “naturalmente” preparados para as ciências exatas são exemplos de preconceitos.

A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça”.

⁵ O *habitus* precário seria o limite do *habitus* primário para baixo, ou seja, seria aquele tipo de personalidade e de disposições de comportamento que não atendem às demandas objetivas para que um indivíduo ou um grupo social possa ser considerado produtivo e útil numa sociedade de tipo moderno e competitivo, podendo gozar de reconhecimento social com todas as suas dramáticas consequências existenciais e políticas. (SOUZA, 2018, p. 207). Conceito proposto a partir da articulação das teorias de Taylor e Bourdieu serve precisamente para iluminar a dimensão simbólica da exclusão social e explicar a permanência no tempo da precariedade material, existencial e política.

tema das causas e dos remédios da desigualdade – que melhor contribuiu para sua permanência e naturalização. (SOUZA, 2018, p. 199).



Recortes de jornais com notícias com Elza Soares, vítima de racismo e agressão, aparecimento em páginas policiais.

Conforme afirmava Elza: “Derrota para mim, é uma palavra que deve ser banida de qualquer dicionário”. (CÉSAR et al., 2020, P. 63).

Nessa perspectiva, debatemos algumas ideias elaboradas pelas economistas Minouche Shafik, e Mariana Mazzucato. Os relatos apresentados permitem apontarmos alguns avanços na sociedade brasileira, mas poucas mudanças estruturais e institucionais. A crise do capitalismo, as políticas neoliberais, o avanço das tecnologias digitais e a emergência no trato das questões ambientais, complexificam o debate dos problemas que persistem na sociedade brasileira, conforme observamos em nosso objeto de pesquisa: a desigualdade, o racismo, o preconceito e discriminação racial e outras questões surgiram ao longo do tempo, notadamente, os problemas ambientais continuam atingir drasticamente a população negra.

Shafik em seu livro “Cuidar uns dos outros”, propõe a necessidade de estabelecer um novo contrato social e que os países possam oferecer a seus cidadãos o mínimo necessário para terem uma vida digna com o intuito de construir uma sociedade melhor. Para Shafik (2021), descreve que

a forma como uma sociedade está estruturada tem consequências profundas na vida de quem vive nela e na arquitetura das oportunidades que surgem. Delimita não apenas as condições materiais, mas também o bem-estar, os relacionamentos e as perspectivas de vida. A estrutura da sociedade é determinada por instituições como os seus sistemas político e jurídico, a economia e a forma como a vida familiar e comunitária estão organizadas. Todas as sociedades optam por deixar que algumas coisas sejam designadas pelos indivíduos e outras pela

coletividade. As normas e as regras que estabelecem como essas instituições coletivas operam é o que chamarei de contrato social, que acredito ser o determinante de maior relevância no tipo de vida que levamos. (SHAFIK, 2021)

Em sua argumentação Shafik a autora acentua duas questões fundamentais:

- 1) Há significativas diferenças entre nações quanto ao contrato social: naquelas mais igualitárias e homogêneas do ponto de vista étnico, educacional e cultural, os contratos sociais são mais generosos quanto aos benefícios que a coletividade proverá para os cidadãos; O inverso se verifica nos países mais desiguais;
- 2) Em muitas sociedades as pessoas estão decepcionadas, pois, esperam mais de bem-estar do que estão recebendo do contrato social que têm.

A autora apresenta vários exemplos e estudos que confirmam os pontos acima e adianta a sua hipótese de importantes mudanças em dimensões diversas da sociedade e economia que tornaram os contratos sociais superados e que, portanto, requerem uma ampla revisão das instituições que condicionam a vida no estágio atual de nossa história. Para analisar essas transformações, a autora aponta para dimensões sociais e econômicas, sendo: 1. Filhos; 2. Educação; 3. Saúde; 4. Trabalho; 5. Velhice; 6. Gerações. Porém, fornece poucas pistas de como viabilizar a articulação política para que todas as transformações requeridas nesse novo contrato social sejam concretizadas. Entre os argumentos que Shafik apresenta, ela destaca a dificuldade de ascensão social em determinadas camadas da sociedade, e exemplifica que para determinados indivíduos mudar de classe poderia demorar até cinco gerações.

Já a economista Mazzucato (2023) é mais incisiva e aponta que a base do bem comum é uma ideia de colaboração intensa, inteligência coletiva, criação conjunta de fins e meios, e uma partilha adequada dos riscos e benefícios, sendo que o bem comum é um objetivo a ser alcançado em conjunto através da inteligência coletiva e da partilha de benefícios. Mazzucatto assevera que o bem comum é um objetivo comum. Ao concentrar-se tanto na forma como no quê, promove a solidariedade humana, a partilha de conhecimentos e a distribuição coletiva de benefícios. É a melhor (e de fato a única) forma de assegurar uma qualidade de vida decente para todas as pessoas num planeta interligado. A economista identifica a forma disfuncional do capitalismo contemporâneo e foca principalmente na crise climática e propõe que os problemas atuais sejam tratados pelos governos com a mesma seriedade e ousadia, empregadas nos programas que levaram o humano a pisar na lua e problematiza que

os mercados não são resultados de decisões individuais, mas da maneira como se governa cada agente criador de valor — inclusive o governo em si. Nesse sentido, os mercados estão “imersos” em regras, normas e contratos que afetam comportamentos organizacionais, interações e desenhos institucionais. O governo, portanto, não pode se limitar a corrigir mercados reativamente, mas “coestruturá-los” para que entreguem os resultados necessários para a sociedade. (MAZZUCATO, 2023, s/n)

Elza Soares, auxilia nossa argumentação e explicita uma parte relevante dos nossos problemas econômicos e sociais. Sua biografia em nosso debate compreende o período dos anos 60 aos anos 2000, e de acordo com o apresentado é um retrato da sociedade brasileira, com problemas persistentes de desigualdade, fome, invisibilidade de determinados indivíduos, e que ao longo do tempo, o capitalismo e as políticas neoliberais intensificam esses problemas sociais. São cidadãos que não tem acesso aos direitos democráticos, a cidadania, são convocados a serem empreendedores de si, eximindo o Estado de obrigações e responsabilidades, autorizando o setor privado a determinar regras de mercado que diminuem o bem-estar social que aumentam as desigualdades sociais e individualizam as relações dos indivíduos. A vida de Elza apresenta a interseccionalidade de diversos marcadores sociais — raça, gênero, classe, idade e por vezes o sexismo —

Para Patricia Hill Collins, os estudos de interseccionalidade mudam “o foco da investigação, partindo de uma abordagem que tinha como objetivo explicar os elementos de raça, gênero ou opressão de classe, para outra que pretende determinar quais são os elos entre esses sistemas” (COLLINS, 2016, p. 108). A autora destaca que existe há trinta anos como conceito, criado por Kimberlé Crenshaw, defensora dos direitos civil americano e uma das principais estudiosas da teoria crítica da raça e professora em tempo integral na Faculdade de Direito da *UCLA* e na *Columbia Law School*, especialista em questões de raça e gênero. Importante ressaltar que muito antes de ser denominada “Interseccionalidade” e ser um conceito, muitas ideias já haviam sido realizadas aos seus moldes. A Interseccionalidade consiste no olhar para as diversas camadas da vida como raça, gênero, classe, sexualidade... mobilizando algumas ou entrelaçando todas ao mesmo tempo, com o intuito de sempre avançar na direção necessária para que haja liberdade, justiça social e equidade para todos, desde as mulheres negras, os LGBTQIAP+, os pobres nas comunidades periféricas e outros indivíduos que se encontram segregados pelas políticas hegemônicas do Estado. A interseccionalidade tem como um de seus princípios

fundamentais o sistema político comprometido com a igualdade ou com a distribuição equitativa de poder entre todos os cidadãos.

A seguir apresentamos a pesquisa do grupo GEMAA, que ratificam os argumentos apresentados por Shafik (2021) e Mazzucato (2023). Para sustentarmos essas argumentações, apresentamos quatro gráficos do Relatório das Desigualdades de Raça, Gênero e Classe desenvolvido pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa — (GEMAA), núcleo de pesquisa com inscrição no CNPq e sede no IESP- UERJ. Segundo o GEMAA (2019),

o objetivo do relatório é tornar acessível ao grande público dados estatísticos relacionados a raça, gênero e classe no Brasil. Com base em resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, produzimos análises sobre distribuição da população, renda familiar, média de escolaridade, presença no ensino superior, taxa de desemprego, classe social, dentre outros, sempre em referência à variável raça e, em alguns casos, sua intersecção com gênero. As conclusões ressaltam as intensas desigualdades do país, sobretudo no que se refere à questão racial e ao grupo de mulheres pretas e pardas.



Gráficos 1, 2, 3, 4: Fonte GEMAA (2019)

Destacamos a necessidade de políticas que contemplem a comunidade, o viver em comum, o cuidado de uns com os outros, mas não de maneira ingênua, mas, com decisões políticas e principalmente com planejamento econômico. Assim, com esses apontamentos concordamos com a necessidade de rever as bases de um capitalismo em crise e um novo modo de bem-estar e de bem-viver, a seguir abordaremos questões pertinentes ao feminismo e a possibilidade de um reencantamento pelo mundo conforme proposta de Federici (2022).

2 A METAMORFOSE DE UMA ESTRELA

"Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama, metamorfoseado num inseto monstruoso".

FRANZ KAFKA

No ano 2000, Elza Soares recebeu o reconhecimento como a maior cantora do milênio, pela BBC de Londres, a partir desse marco, observa-se a reconstrução da sua carreira, nota-se o engajamento político, a centralidade em sua feminilidade e negritude, utilizando-se da transformação do mercado e os novos modos de para a construção da narrativa de sua *persona* artística. Seu primeiro trabalho nesse período foi o álbum “*A Mulher Do Fim Do Mundo*” e César et al., destacaram que

[...] pudemos observar, marcou uma inflexão na carreira da artista em termos de estilo e, sobretudo, da produção e exposição de sua *persona* artística. Acostumada desde os anos 1950 a um repertório de sambas, Elza Soares foi realocizada na cartografia da música brasileira nos primeiros anos do século XXI ao ser eleita “A Voz do Milênio” pela rádio londrina BBC e ao gravar, em seguida, o álbum *Do Cócix ao Pescoço* (2002). Neste disco, a canção “A Carne” ganhou destaque especial por seus versos, explícitos quanto ao engajamento antirracista e à afirmação do orgulho negro, e pela sonoridade, na qual a presença de samplers e da batida do hip hop afastavam Elza da estética do samba pela qual ficara conhecida. (CÉSAR et al., 2020, P. 62)

Elza se afastou de suas raízes do samba, mas, com essa ressignificação, passou a ser aclamada como “rainha” por uma nova geração de fãs. César (2020), ressalta que nas notas de campo de um dos autores do ensaio “Elza Soares: dos alfinetes à carne negra” observou que

tanto do palco quanto da plateia, a artista que hoje recebe do público o título de “rainha”. Com uma alta carga simbólica, performances como estas atestam a soberania de seu reinado tardio. Mesmo planejada às

pressas, a “cena final” do show de 11 de março impactou os espectadores/as ao exibir corpos jovens, negros e brancos, rodeando tal qual súditas e súditos o “trono” no qual repousava a cantora; sacos de lixo cenográficos convertiam-se em prata em alusão a seu percurso de menina pobre a artista bem sucedida; e até mesmo a mensagem política, comunicada “sem interpelar diretamente” durante a apresentação de 22 de maio, atingiu em cheio a plateia, que passou a falar com ela e através dela em uma catarse coletiva. (CÉSAR et al., 2020, P. 61)

Seu alinhamento as causas identitárias, entrelaçaram diversos marcadores sociais, entre eles, gênero, classe, raça, sexo e idade. Sempre convocando sua ancestralidade, sua negritude e sua feminilidade. O *post a seguir*, publicado por ela em 2020 ilustra nossas asserções.

Nasci mulher, negra e pobre na favela de Moça Bonita, hoje minha comunidade de Padre Miguel. Fora o que vivi e vivo na pele, sou neta de escrava forra e bisneta de escravizada. Conheço o racismo e o preconceito nas mais diversas formas. Lembro do meu pai contando que sofria muito racismo e em pleno século vinte e um, não deveríamos mais falar disso, mas ainda há muito a se fazer e falar. Vocês sabem que o Brasil é o país mais racista que existe, né? Eu tive que ter muita fibra pra não deixar que me atingissem moral nem fisicamente, mas é quase impossível escapar. Por causa da cor da minha pele, fui proibida de subir em muitos palcos, sabia? Foi só mais uma, entre tantas dificuldades que eu tive que driblar pra estar aqui. Fui impedida de me hospedar em hotéis porque era ‘gente de cor’. E fui recusada até por gravadora pelo mesmo motivo, a cor da minha pele. Gentem, só quem é mulher e preta sabe que cansa, cansa sim! Mas pra mim, esse monstro chamado racismo pode estar por aí. Eu vou em frente.⁶

Os episódios nefastos registrados na vida da Elza, nos convida a retornar à Shafik (2021), que defende a necessidade do viver o comum e cuidarmos uns dos outros, avançando na direção de um novo contrato social, esta abordagem, nos aproxima das ideias da feminista marxista Silvia Federici, que rejeita a celebração neoliberal do privado e do indivíduo que nos dá o *Homoidioticus* (da palavra grega para “*privado*”) e inspirada nos povos de agora e de outrora que viviam e compartilhavam o comum. Para Federici, como mulher e feminista ela define a produção dos comuns nos trabalhos cotidianos — lavar, abraçar, varrer, cozinhar, limpar, cuidar dos filhos, cuidar de doentes e idosos.

Federici está interessada em mundo novo, reencantado e constrói este interesse a partir de uma fala de (Weber, 1946, p.155 [2011, p. 51]). Quando usou a palavra “*desencantamento*” para se referir ao desaparecimento da religião e do sagrado no mundo. Mas [para ela] podemos interpretar seu aviso em um sentido mais político, como uma

⁶ Elza Soares, “Nasci mulher...” (*post*). Elza Soares oficial (*Instagram*), 14/01/2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7UPhJ4JRbi/>. Acesso: 09 jun. 2023.

referência ao surgimento de um mundo em que nossa capacidade de reconhecer a existência de uma lógica que não seja a do desenvolvimento capitalista está cada vez mais em questão. (FEDERICI, 2022, p. 275). Federici é crítica e atenta aos problemas produzidos por um sistema capitalismo predatório e explica seu pensamento sobre o reencantamento do mundo.

Quando falo sobre “reencantar o mundo”, refiro-me à descoberta de razões e lógicas diferentes das do desenvolvimento capitalista, uma prática que acredito indispensável para a maioria dos movimentos antissistêmicos e um pré-requisito para resistir à exploração. Se tudo o que sabemos e almejamos são as coisas produzidas pelo capitalismo, então qualquer esperança de mudança qualitativa está fadada ao fracasso. As sociedades que não estiverem preparadas para reduzir o uso da tecnologia industrial irão deparar com catástrofes ecológicas, competição por recursos cada vez mais escassos e uma sensação de desespero crescente a respeito do futuro da Terra e do significado de nossa presença neste planeta. (FEDERICI, 2022, p. 276).

Analisando a trajetória de Elza Soares e refletindo sobre o seu agir político, subjetivado pelas ideias do feminismo, especulamos que em sua produção já há o exercício do cuidado de si e do outro, e um movimento de reencantamento do mundo. Evidenciamos que Elza sempre procurou cuidar dos filhos, e seu corpo negro e de mulher, não escapou das violências impostas pelo capitalismo, racismo e patriarcado. Em sua condição de mulher negra e periférica, era vista como a “mulata”, trabalhou como doméstica, cozinheira e foi proibida pelo marido de cantar e exercer os seus direitos.

Casada com o Garrincha ela relata períodos de dificuldades, e que por conta de contusões no futebol, ela se afastava dos palcos para cuidar da saúde do jogador. Trabalhava de dia, cantava a noite para cuidar dos seus maridos e filhos. Enfrentou o racismo em sua carreira de cantora, proibida de cantar em alguns palcos, foi recusada como cantora pela Gravadora-RCA e proibida de se hospedar em alguns hotéis por causa da cor da sua pele.

Dorlin (2021) aponta que é a partir das condições materiais de existência das mulheres, de sua experiência, que o *standpoint* feminista⁷ produz um saber que politiza a divisão sexual do trabalho.

⁷ A teoria da perspectiva *standpoint* feminista surge por volta dos anos 1970 a partir de questionamentos marxistas da relação entre classes oprimidas e a produção do conhecimento. Contando com nomes como Dorothy Smith, Sandra Harding e Patricia Hill Collins, a teoria da perspectiva *standpoint* feminista argumenta que a situação de opressão das mulheres não mudará apenas incluindo-as dentro da ciência hegemônica, uma vez que esta situação deriva também das relações de poder que constituem a própria ciência.

Por conseguinte, o saber científico, tal como se efetiva, é tão marcado e partidário quanto o saber feminista. A pretensa neutralidade científica é uma postura política. Como escreve Christine Delphy, [o] fato de não existir conhecimento neutro é um lugar-comum. Mas, de nosso ponto de vista, essa constatação tem um sentido bastante preciso. Todo conhecimento é produto de uma situação histórica, quer saiba disso ou não. O fato de saber ou não disso faz uma diferença enorme; se não sabe, [o conhecimento] pretende afirmar-se como “neutro”, ele nega a história que pretende explicar [...]. (DORLIN, 2021, p. 10).

Após os anos 2000, o engajamento com a feminilidade e sua negritude, Elza produziu nos palcos, por meio das suas canções, discursos, visual, signos importantes do seu engajamento político e preocupação com os coletivos e movimentos sociais. Em sua biografia, recorda-se da escrava Anastácia, figura quase mitológica para ela, que sempre é representada com uma mordaca e elabora o seguinte pensamento:

Deixaram ela muda quando adulta, mas ela também foi uma criança, como eu. Hoje, eu vejo as crianças com um pouco mais de voz, com todo sacrifício, mas com um pouco mais de liberdade de falar e resgatar o sofrimento de quem é negro. (CAMARGO, 2018, p. 382)

Elza produziu uma narrativa consistente, na luta contra o racismo, contra o preconceito e discriminação racial e com relação à idade. Após ter sofrido um acidente de automóvel o que dificultou sua locomoção, continuou a fazer seus shows, sentada, trabalhando até os 90 anos de idade. Sua produção está em consonância com as palavras de Federici que em entrevista ressalta que o feminismo não deve se limitar apenas a mudanças nas condições das mulheres. As feministas têm algo a dizer sobre absolutamente tudo, sobre todos os aspectos da vida. Para Federici o feminismo dá cada vez mais importância à luta contra a colonialidade, contra o sistema, e ao papel das feministas negras e das feministas anticoloniais. Dorlin (2021), resgata um relato do século XIX, precisamente em 1851, durante uma das primeiras conferências abolicionistas, no âmbito das quais foram formadas as primeiras associações feministas, Sojourner Truth⁸, ex-escravizada, militante abolicionista e feminista, subiu à tribuna para interpelar a audiência nos seguintes termos:

Penso que entre as negras do Sul e as mulheres do Norte todas estão falando sobre direitos, os homens brancos logo, logo vão ter problemas [...]. Olhem para mim! Olhem para meu braço! [...] Eu conseguia trabalhar tanto

⁸ 23 Sojourner Truth *apud* bell hooks, *E eu não sou uma mulher?: Mulheres negras e feminismo*, trad. Libanio Bhuvi. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019, pp. 252–53. Ver também Gloria Hull, Patricia Bell Scott e Barbara Smith, *All the Women Are White, All the Blacks Are Men but Some of Us Are Brave*. New York: Feminist Press, 1982.

quanto qualquer homem (quando conseguia trabalho), e aguentar o chicote também — e eu não sou uma mulher? Pari cinco crianças e vi a maioria delas ser vendida para a escravidão, e quando chorei meu luto de mãe, ninguém além de Jesus me ouviu — e eu não sou uma mulher? (DORLIN, 2021, pp. 52–53).

Elza Soares enuncia, “Chega! Minha mãe é negra. Minha avó é negra. Minha voz é negra. Mas ela não é a mais barata do mercado – não mais. Nunca foi. Nunca deveria ter sido. Minha carne é cara, é valorizada.” (CAMARGO, 2018, p. 381).

Patricia Hill Collins (2020) elabora a noção de “imagens de controle” para abordar a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultâneas e interconectada. (BUENO, 2019, p. 69). As imagens de controle, surgidas durante o período de escravidão, ainda hoje se destinam às mulheres negras e atestam a dimensão ideológica da opressão. As imagens de controle consistem num corpo de ideias que reflete os interesses de um grupo de pessoas. As imagens de controle possuem um significado central que as distingue das representações e estereótipos, uma vez que a imagem de controle se dá a partir da autoridade que os grupos dominantes possuem para nomear os fatos sociais. (BUENO, 2019, p. 73). Quando essas ideias encontram expressão coletiva, as autodefinições das mulheres negras permitem que elas reformulem as concepções de matriz africana do eu e da comunidade. Essas autodefinições da condição de mulher negra foram pensadas para resistir às imagens de controle negativas da condição de mulher negra promovidas pelos brancos e às práticas sociais discriminatórias que essas imagens de controle sustentavam. (COLLINS, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Movimentos ultraconservadores infiltram-se em conselhos. Intimidam educadores e pressionam para tirar de circulação, em bibliotecas e escolas, obras que abordam raça, gênero e sexualidade. Nos últimos dois anos, um amplo movimento conservador contra livros que exponham temas relacionados à comunidade negra, LGBTQIAPN+, e outros setores oprimidos, tem crescido nos Estados Unidos. Apesar do trabalho de muitos sistemas regionais de educação pública para incluir uma maior diversidade de livros nas salas de aula e bibliotecas, a reação conservadora está em alta. O descrito acima é só mais um apontamento para um sistema que está em crise e que ataca democracia. São movimentos de direita, autocrático de viés fascista que tencionam e complexificam o cenário global e local de cada Estado ou região e ameaçam a vida em comum.

Neste trabalho desejamos provocar reflexões à luz do pensamento feminino, por meio de conceitos políticos e econômicos. As autoras apresentadas nos apontam conceitos e alternativas do pensar e refletir crítico. À luz das epistemologias feministas, do feminismo negro, conceitos do Bem-Viver e do Bem-Estarismo social numa mirada política e econômica.

O pensamento feminista marxista exposto nesse trabalho defendem o viver em comum e lança um olhar sob as experiências dos coletivos e movimentos sociais. Um olhar sobre os povos e comunidades que compartilham o cuidado de um com os outros. Pensam o viver e o lutar juntos, problematizando as formas de apropriação do capitalismo e sua ânsia do consumo, no sentido de consumir e esgotar os recursos do planeta. Refuta a racionalidade neoliberal que produz indivíduos ensimesmado, empreendedores de si e de seu self, problematizam o pensamento e o agir individualizado.

Nosso objeto nos auxilia a visualizar alguns problemas opacos que assolam o mundo, entretanto, evidenciam problemas localizados na sociedade brasileira e identificar demandas objetivas para que as mulheres negras possam gozar de reconhecimento social com todas as suas dramáticas consequências existenciais e políticas, numa sociedade de tipo moderno/competitivo, sob a égide da política neoliberal no Brasil.

Entendemos que o racismo, os preconceitos, os constrangimentos de classe e gênero estão por ser resolvidos e persistem sistematicamente nas experiências do cotidiano, produzindo sujeitos específicos — mulher, preta e periférica —. É fato, que o Brasil em sua singularidade apresente problemas decorrentes e recorrentes do seu processo de escravidão e como foi demonstrado a construção simbólica da mulher negra, apesar das lutas e conquistas, nos últimos 50 anos pouca coisa modificou, conforme, demonstrado nas pesquisas do GEMAA, em relação aos dados econômicos. Porém, pouco mudou também no mercado de trabalho e relativo a sua imagem e ao poder de consumo.

Elza Soares é uma personagem importante da cultura brasileira, e sua biografia/profissional explicita os movimentos políticos e sociais no Brasil e no mundo.

No século XX sua narrativa é o reflexo de um mundo moderno na emergência dos movimentos feministas e a mudança para uma política neoliberal, engendrada por Reagan e Thatcher, com experiência na América do Sul, no Chile, durante a ditadura de Pinochet.

No século XXI identificamos a mudança na narrativa, Elza Soares explora temas emergentes, debatidos por movimentos sociais e com a preocupação pelos direitos

humanos universais, notadamente, pautas relacionadas aos marcadores sociais, raça, gênero, classe, sexismo e idade.

O percurso apresentado nesse artigo nos incita a um caminho fértil para avançamos nos debates propostos pelas autoras, num processo que deve ser democrático, com a participação do Estado, do setor privado, da academia e da sociedade civil, para planejar e elaborar um plano capaz de combater as “*policrises*” do capital, e os problemas decorrentes do ethos neoliberal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BUENO, W. **Imagens de Controle: Um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto alegre, RS: Zouk, 2020.

CAMARGO, Z. **Elza**. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

CÉSAR, R. do N.; FERREIRA, C. B. de C.; QUEIROZ, V. **Elza Soares: dos alfinetes à carne negra**. Revista Educação e Ciências Sociais, [S. l.], v. 3, n. 5, 2020. DOI: 10.38090/recs.2595-9980.2020.v3.n5.59-79. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cienciassociais/article/view/9545>. Acesso em: 10 jun. 2023. Acesso em 15 ago. 2023.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**. São Paulo, SP: Boitempo Editorial, 2020.

DORLIN, E. **Sexo, gênero e sexualidades: introdução à teoria feminista**. São Paulo: Crocodilo/Ubu, 2021.

FEDERICI, S. **Reencantando o mundo: feminismo e a política dos comuns**. Tradução de Coletivo Sycorax - São Paulo: Elefante, 2022.

FEDERICI, S. **O reencantamento do mundo, segundo Federici (2022)**. Outras Palavras. Disponível em <https://outraspalavras.net/feminismos/reencantamento-do-mundo-segundo-federici/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

GONZALEZ, L., HASENBALG, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro, RJ: Marco Zero, 1982

MAZZUCATO, M. **No comum, uma nova economia**. Outras Palavras, 02/03/2023. Disponível em <https://outraspalavras.net/pos-capitalismo/mazzucato-no-comum-uma-nova-economia/>. Acesso em: 15 ago. 2023

SHAFIK, M. **Cuidar uns dos outros**. Rio de Janeiro: Ed. Intrínseca, 2021.